

Moral irrisória

COSTA, Caio Túlio. *Ética, jornalismo e nova mídia: uma moral provisória*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. 288 p.

Por Aldo Antonio Schmitz

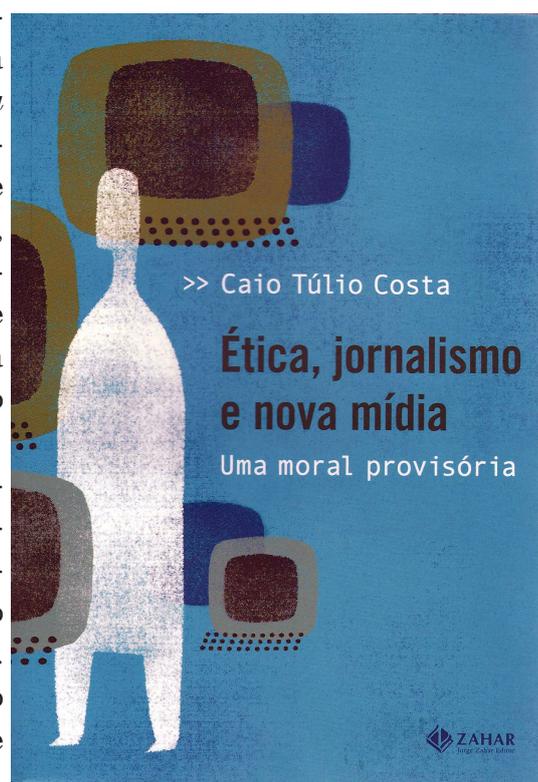
Como primeiro *ombudsman* da imprensa brasileira, Caio Túlio Costa foi um vigilante da ética na *Folha de S. Paulo*. Depois exerceu os cargos de diretor do UOL e presidente do iG. De seu estudo sobre a ética, desenvolvido no doutorado na ECA-USP, resultou este livro, recheado de relatos curiosos, agradáveis à leitura e nem tanto aos conceitos da ética no jornalismo.

O seu passado como “ouvidor representante” dos leitores do jornal e executivo da mídia reflete-se na obra, quando trata o jornalismo como um negócio em contraponto ao interesse público. Este fio condutor envereda-se pelo seu propósito de comprovar que existe uma moral provisória no jornalismo, deixando transparecer que a ética dos jornalistas é uma moral irrisória.

Portanto, está no subtítulo o ponto da discussão, já que o autor se propôs a investigar como o jornalismo tem sido praticado do ponto de vista da moralidade, desde o seu surgimento até as novas mídias. Neste trajeto, ziguezagueia ora na imposição da indústria do jornalismo ora na norma da atividade.

Caio Túlio introduz um paradoxo para o jornalismo, a moral provisória. Para justificar o seu achado, ele revela um diálogo entre Jean-Paul Sartre e seu secretário Jean Cau, onde o filósofo francês relata que recorria às “mentirinhas e meias verdades”, como um “código moral provisório”, para administrar o relacionamento simultâneo com suas namoradas.

O autor não revela se no rol das amantes estava a feminista (termo *démodé*) Simone de Beauvoir nem a opinião dela sobre as “mentirinhas”, talvez irrelevantes, considerando as suas liberdades individuais existencialistas. Bem como não analisa em profundidade o impacto da moral provisória do jornalismo perante o público, o que poderia fazer, valendo-se de seu notório saber e experiência como *ombudsman*.



Sobre o autor

Aldo Antonio Schmitz é mestrando em Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina. aldo@iscom.com.br

Vale mentir para conseguir uma notícia? Para o jornalista todo dia é 1º de abril? Assim como Sartre, os jornalistas estão acima do bem e do mal? Embora questionável – oportunista ou necessária –, Caio Túlio demonstra a ética passageira. Aliás, defende com competência, pois o que era para ser uma dissertação de mestrado foi aprovada direto como tese de doutorado.

A ética provisional, segundo o autor, ocorre quando o jornalista usa meios espúrios para apurar certas informações, como se passar por outra pessoa, usar câmera escondida e criar outras armadilhas para as fontes. Argumenta que esses procedimentos, moralmente provisórios, são corriqueiros no jornalismo.

Para fundamentar as “mentiras justificáveis”, o autor faz longas e hilárias visitas aos clássicos, recorrendo a Sócrates, Descartes, Spinoza, Shakespeare, Balzac, Kant, Weber, Bakhtin, Montaigne, entre outros. Mas, evita estudiosos da ética aplicada à profissão, como Daniel Cornu, J. D. Lasica, Marc-François Bernier, Hugo Aznar, Barroso Asenjo, Bonete Perales, Javier Restrepo, Francisco José Karam, Sylvia Moretzsohn, Rogério Christofolletti e por aí vai.

Embora pareçam enfadonhas, as referências aos clássicos são apresentadas numa linguagem coloquial, o que torna a leitura um prazer e também uma armadilha. No seu vai-e-vem, por exemplo, recorre ao conto *O inimigo número 1 da censura*, de Jorge Luis Borges e Adolpho Casares, para explicar a seleção das notícias e concluir que “o jornalista é um ‘censor’ por excelência” (2009: 155).

Há outras abordagens controversas no livro, já amplamente analisadas por estudiosos da ética como Sylvia Moretzsohn¹, relativas à objetividade e ao argumento do autor de que jornalismo é apenas um ofício e não uma forma de conhecimento. Como resposta ele se agarra ao propósito do livro: o jornalismo professa uma coisa e faz outra.

Enfim, o texto do Caio Túlio parece querer legitimar a famosa frase do Cláudio Abramo², com quem conviveu longamente: “O jornalista não tem ética própria. Isso é um mito. A ética do jornalista é a ética do cidadão. O que é ruim para o cidadão é ruim para o jornalista”. Há quem discorde. Para Karam³ esta afirmação está correta no geral, mas não no particular, e defende que há sim uma ética da profissão.

Afinal, se existe uma moral provisória, a ética no jornalismo é interina e para buscar a verdade justifica-se a mentira. Ao final da leitura do livro estas questões parecem irrisórias perante os pilares do jornalismo: “verdade, justiça e ética”, apontados pelo próprio autor. Então, o Caio Túlio veio para confundir ou explicar?

Recebido em 30 de agosto de 2009
Aprovado em 13 de setembro de 2009

¹ MORETZSOHN, Sylvia. *Uma teoria que se desmancha na prática*. Disponível em: <observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=542AZL001>. Acesso em: 16 jun. 2009.

² ABRAMO, Claudio. *A regra do jogo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988, p. 109.

³ KARAM, Francisco J. *A ética jornalística e o interesse público*. São Paulo: Summus, 2004, p. 41